

Link "Sidney Chalhouh. Cidade Febril: Cortiços e Epidemias na Corte Imperial. São Paulo: Companhia das Letras, 1996."

14ª questão

Documento
Aspectos históricos da divulgação científica no Brasil
No Brasil dos séculos XVI, XVII e XVIII (...) atividades científicas ou mesmo de difusão das idéias modernas eram praticamente inexistentes. O país tinha uma baixíssima densidade de população letrada, era mantido sob rígido controle e o ensino, quase unicamente elementar, esteve nas mãos únicas dos jesuitas até meados do século XVIII (...)"
Escolha uma das alternativas:

Alternativas

- A. O ensino e a divulgação dos conhecimentos científicos no Brasil estiveram restritos por um controle da informação reservado às elites econômicas.
- B. Os conhecimentos científicos têm valor estratégico, e a restrição a seu acesso torna-se uma forma de poder.
- C. Durante o período colonial, os brasileiros ignoravam a ciência e limitavam-se a receber conteúdos religiosos.
- D. O crescimento da imprensa, com o surgimento de periódicos, ampliou os canais de divulgação dos conhecimentos científicos no Brasil.

Conteúdos relacionados

Documento Aspectos históricos da divulgação científica no Brasil

15ª questão

Documento
A primeira escola
"[...] em 1875, um jardim de infância causou uma verdadeira reviravolta na educação brasileira, como reconheceu um artigo no jornal Cruzeiro quatro anos depois. O texto mencionava 'um chalé expressamente construído e mobiliado para o Jardim de Crianças' (...)"
Sobre o Jardim de Crianças de Menezes Vieira é possível afirmar que:

Alternativas

- A. Era um método inovador por propor um momento de transição entre a família e o ensino formal, além de trazer a ideia de um aprendizado pleno.
- B. Embora tenha alcançado sucesso e sido implantada em outros colégios, esta proposta não ocorreu em larga escala, pois se apresentava como uma ameaça para outras formas de educação já consolidadas.
- C. Era um projeto voltado ao ensino das crianças de 3 a 6 anos e que tinha como bases teóricas e pedagógicas os ensinamentos de educadores alemães e suíços.
- D. Retirava a rigidez e a disciplina correntes na prática de ensino do século XIX, tornado a escola infantil um espaço de brincadeiras e não de aprendizagem.

Conteúdos relacionados

Documento A primeira escola

Link "Textos sobre o tema: "

Link "Alessandra Arce. Friederich Froebel. O pedagogo dos Jardins de Infância. Petrópolis: Vozes, 2002."

Link "Friederich Froebel. A Educação do Homem. Passo Fundo: Edupf, 2001."

Link "Moisés Kuhlmann Jr. "A Educação Infantil nos séculos XIX e XX". In: M. Stephanou; Bastos, M.H.C. (orgs.). Histórias e Memórias da Educação no Brasil. Petrópolis: Vozes, 2005."

Link "Carlos Monarcha (org.). Educação da infância brasileira (1875-1983). São Paulo: Autores Associados/Fapesp, 2001."

Questões

2ª Fase

Este documento não serve como prova.
A prova deve ser feita pela internet.

16ª questão

Ainda a partir do artigo de Maria Helena Camara Barros (Questão 15) é possível afirmar sobre a figura das professoras do Jardim de Infância:

Documento
A primeira escola
"[...] em 1875, um jardim de infância causou uma verdadeira reviravolta na educação brasileira, como reconheceu um artigo no jornal Cruzeiro quatro anos depois. O texto mencionava 'um chalé expressamente construído e mobiliado para o Jardim de Crianças' (...)"

Alternativas

A. A função de professora "jardineira" era uma conquista de autonomia pela qual as feministas lutavam.

B. Eram atribuídas às mulheres qualidades profissionais que envolviam características como a meiguice e o carinho pelas crianças.

C. As mulheres puderam adentrar o espaço público na condição de professoras, na medida em que esta condição preservava uma imagem maternal.

D. Como professoras, as mulheres ganhavam a possibilidade de deixar o espaço privado e adentrar o âmbito público.

Conteúdos relacionados

Documento A primeira escola

Link "Textos sobre o tema: "

Link "Alessandra Arce, Friederich Froebel. O pedagogo dos Jardins de Infância. Petrópolis: Vozes, 2002."

Link "Friederich Froebel. A Educação do Homem. Passo Fundo: Edup, 2001."

Link "Moisés Kuhlmann Jr. "A Educação Infantil nos séculos XIX e XX". In: M. Stephanou; Bastos, M.H.C. (orgs.), Histórias e Memórias da Educação no Brasil. Petrópolis: Vozes, 2005."

Link "Carlos Monarcha (org.). Educação da infância brasileira (1875-1983). São Paulo: Autores Associados/Fapesp, 2001."

Questões

2ª Fase

Este documento não serve como prova.
A prova deve ser feita pela internet.

17ª questão

Observe atentamente a iconografia e escolha uma das alternativas:

Documento
Partida da Monção, 1897



Alternativas

A. Na tela, que representa a saída das monções, podemos observar as embarcações, seus tripulantes, a comoção dos familiares, o trabalho escravo, a presença de um padre abençoando a partida e, ao fundo, a mata.

B. Essa pintura, assim como outras de mesma temática encontradas, por exemplo, no Museu Paulista, compõem uma memória nacional baseada na construção de um passado heroico paulista.

C. As expedições fluviais ocorridas no século XVIII foram menos relevantes que as bandeiras na história do Brasil colonial, o que é atestado pela pouca quantidade de estudos a esse respeito.

D. Nessas viagens que saíam de Porto Feliz e chegavam à Cuiabá, o papel dos indígenas foi fundamental, já que deles os paulistas adquiriram o hábito de dormir em redes, navegar em pé, o conhecimento geográfico dos rios, as técnicas de construção de canoas e as práticas de cura contra doenças ou de ferimentos por animais.

Conteúdos relacionados

Documento Partida da Monção, 1897

Link "Questão 35 2ª ONHB"
Endereço: <https://skydrive.live.com/?cid=0983cec4e1d94668&id=963CEC4E1D9466F%21107&authkey=IAHI6YOIdcXpmuxs>

Link "Veja outras obras do pintor"
Endereço: http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_ic/index.cfm?fuseaction=artistas_obras&cd_verbete=93&cd_idioma=28555

Questões

2ª Fase

Este documento não serve como prova.
A prova deve ser feita pela internet.

18ª questão

Documento
Tropa diferente
"(...) [o] viajante inglês Henry Koster, que chegou ao Recife no início do século XIX (...) imediatamente se impressionou com a boa aparência dos Henriques.(...)"
A partir do artigo e sobre a tropa dos Henriques escolha uma alternativa:

Conteúdos relacionados

Documento Tropa diferente

Alternativas

- A. Era uma milícia dentre tantas formadas no Brasil, de modo que não se destacaram no cenário de lutas do período colonial, embora seus membros tenham sido vitoriosos.
- B. Era uma milícia criada para atuar ao lado daqueles que lutavam contra a ocupação holandesa, tendo em vista a impossibilidade de manutenção do exército na colônia.
- C. Caracterizava-se por ser uma milícia composta principalmente por homens negros forros e escravos doados por senhores de engenhos, que se notabilizaram por sua disciplina.
- D. Teve como fundador um indivíduo que, por sua influência e capacidade de liderança, recebeu mercês e graças que não eram destinadas aos negros, sendo restritas até mesmo entre os brancos.

Questões

2ª Fase

Este documento não serve como prova.
A prova deve ser feita pela internet.

19ª questão

Leia a crônica e escolha a alternativa mais pertinente.

Conteúdos relacionados

Documento
O último Bragança e o primeiro Silva
"O governo Éfe Agá acabou com a Era Vargas, na sua própria avaliação. Se a Era Vargas já foi tarde ou se jogaram fora uma ideia aproveitável de soberania junto com ela, (...)"

Documento O último Bragança e o primeiro Silva

Alternativas

- A. A crônica rompe com a divisão tradicional existente na história do Brasil ao criar uma ideia de continuidade política entre o Brasil Imperial e a República, sob o título de "Era Bragança".
- B. O autor escreve a crônica no contexto de incertezas e possibilidades que a eleição presidencial de 2002 trazia para o cenário político e social do Brasil.
- C. Ao se afirmar a possível vitória de um "Silva" sobre um líder "Bragança", o autor demonstra a crise política do Estado democrático surgido logo após o fim da Ditadura Militar.
- D. No texto, a noção de "era", tal como "Era Vargas" e "Era Bragança", é uma forma de tentar designar um período histórico que se encontra sob a hegemonia de um determinado grupo ou líder político.

20ª questão

O português Gabriel Soares de Souza chegou à Bahia em 1570, onde fez-se senhor de engenho e proprietário de terras. Em 1587, inspirado por notícias da existência de metais preciosos fornecidas após a morte de seu irmão João Coelho de Souza, retornou a Portugal a fim de pedir financiamento ao Rei para realizar expedições pela costa do Brasil. Em Madri, ofertou a um influente membro do governo um livro, que havia escrito anteriormente, com descrições das terras coloniais. Leia um trecho deste documento.

Documento
Tratado Descritivo do Brasil
"Capítulo XX. Que trata da grandeza do Rio de S. Francisco e seu nascimento (...)"

Alternativas

- A. Demonstra que logo no primeiro século de colonização da América Portuguesa já havia constantes incursões para o interior do território, o que contradiz a leitura tradicional que se faz do processo colonizador lusitano.
- B. Tem por objetivo mapear a região do Rio São Francisco, descrevendo seus aspectos geográficos e hidrográficos registrados em expedições anteriores realizadas pelo próprio autor durante os 17 anos em que esteve em terras coloniais.
- C. Ressalta a necessidade não apenas de investimento para uma expedição de reconhecimento e mapeamento do rio e suas cercanias, mas também de um contingente de homens para a proteção contra os gentios.
- D. Mescla informações geográficas do rio e das regiões que o cercam e as possibilidades de exploração de riquezas, além de trazer informações sobre povos ainda não identificados, que viveriam na foz do rio e que teriam acesso aos cobiçados metais preciosos.

Conteúdos relacionados

Documento Tratado Descritivo do Brasil

21ª questão

Leia trechos das memórias de Thomaz Davatz, sobre sua experiência como colono no Brasil Imperial:

Documento
Memórias de um colono no Brasil
"Apenas chegados ao porto de Santos, depois de uma viagem marítima, favorável ou não, mas em todo o caso fatigante e arriscada, os colonos já são, (...)"
Assinale a alternativa mais condizente com o texto:

Alternativas

- A. Ao comparar imigrantes a escravos, o relato de Davatz pode ser visto como uma contrapropaganda à vinda de imigrantes europeus para o Brasil.
- B. O texto aponta que, mesmo passando por condições desfavoráveis durante as viagens e no seu desembarque no porto de Santos, era vantajoso para os imigrantes o trabalho nas lavouras paulistas.
- C. As memórias apresentadas no texto pelo narrador descrevem, entre outros aspectos, a busca pelo lucro por parte dos empresários e o favorecimento destes pela esfera pública no Brasil.
- D. A narrativa do imigrante suíço levanta aspectos relevantes da história imperial brasileira como a criação do sistema de contratos de parceria, a expansão econômica do café na província de São Paulo e a gradativa substituição da mão-de-obra africana pela europeia.

Conteúdos relacionados

Documento Memórias de um colono no Brasil

Este documento não serve como prova.
A prova deve ser feita pela internet.

22ª questão

Nesta tarefa, propomos às equipes o trabalho com um instrumento que é muito importante para os historiadores: analisar e compreender imagens, observando seus detalhes e tirando conclusões a partir deles. Além disso as imagens aqui servirão como ponto de partida para pesquisas mais aprofundadas.

As equipes encontrarão a seguir 3 imagens:

- 1. "Frontispício" de História Natural do Brasil de Guilherme Piso, Gravura, 1648.
- 2. Mudança de acampamento da construção da Inha de São Francisco, fotografia de Claro Jansson, 1913.
- 3. Capa do LP Tropicália ou Panis et Circenses, Caetano Veloso, Gilberto Gil, Gal Costa, Tom Zé, Torquato Neto, Mutantes e Rogério Duprat, 1968

Em cada uma destas imagens, as equipes encontrarão "números". A tarefa consiste em associar estes números às frases que preparamos logo abaixo. São frases que descrevem aspectos da imagem. Cada número deve ser associado a uma única frase. Entretanto, as equipes encontrarão mais frases do que números, ou seja, há frases que não serão associadas a nenhum número.

Imagem 1

"Frontispício" de História Natural do Brasil de Guilherme Piso, 1648.
Guilherme de Piso. "Frontispício". História Natural do Brasil. Leiden: Elsevier, 1648. Disponível em: http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/a/a4/Historia_Naturalis_Brasiliae_-_Guilherme_Piso_-_1648.png.jpg



As frases

- A Os nativos da terra são retratados na imagem.
- B O índio segura armas – tacape e zarabatana – em clara posição de agressividade ao colonizador europeu.
- C A Holanda é representada alegoricamente pela presença do abacaxi entre a vegetação.
- D Do casal de indígenas nasce um país já maduro, representado na imagem do velho.
- E Trata-se do frontispício do livro História Natural do Brasil (Historia Naturalis Brasiliae), escrito em 1648 pelo holandês Guilherme Piso, e como tal tinha a função de resumir para o leitor o que ele encontraria na obra.
- F A posição em que se coloca a vegetação, indígenas e os animais na imagem parece convidar o leitor a adentrar em um mundo exótico e cheio de maravilhas.
- G É possível identificar figuras de animais típicos da fauna brasileira, como o tamandú, a arara, cobras e o bicho preguiça.
- H O livro e o tema que trata são apresentados em latim, numa posição privilegiada da imagem.
- I Ao fundo vemos índios praticando rituais de canibalismo.
- J Há elementos da cultura clássica greco-romana, como a tradição de se retratar rios e mares como como velhos desnudos, com coroa de plantas aquáticas e cornucópia para indicar a fertilidade e a abundância que trazem à terra. KUm grupo dança em tendo ao seu redor moradias e a própria floresta.
- K Um grupo dança em tendo ao seu redor moradias e a própria floresta.

Este documento não serve como prova.
A prova deve ser feita pela internet.

TRECHO 1 – FRASE



TRECHO 2 – FRASE



TRECHO 3 – FRASE



TRECHO 4 – FRASE



TRECHO 5 – FRASE



TRECHO 6 – FRASE



Questões

2ª Fase

Este documento não serve como prova.
A prova deve ser feita pela internet.

TRECHO 7 – FRASE ☐



TRECHO 8 – FRASE ☐



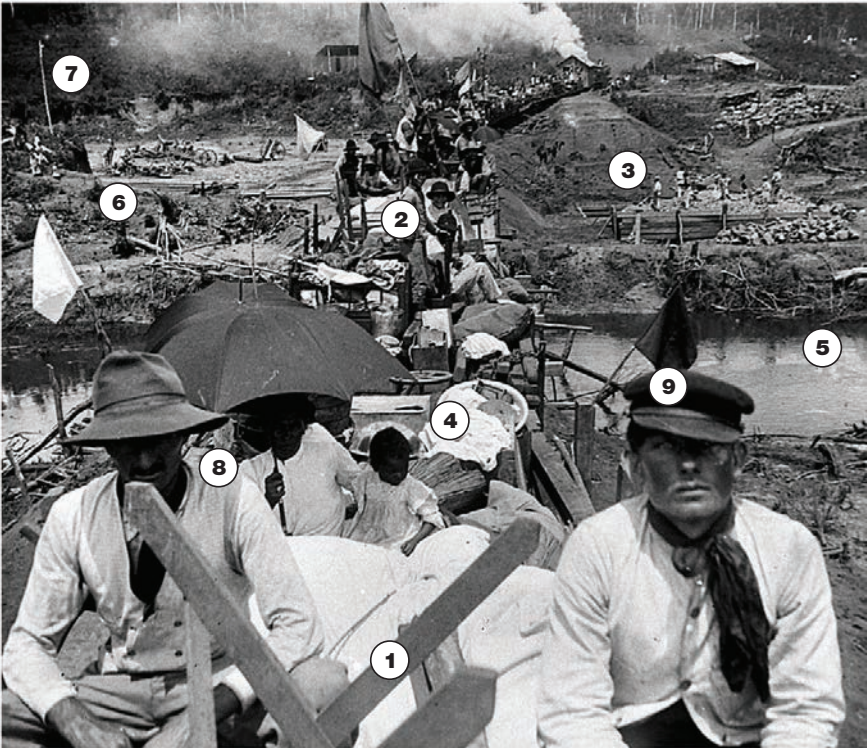
Questões

2ª Fase

Este documento não serve como prova.
A prova deve ser feita pela internet.

Imagem 2

Mudança de acampamento da construção da linha de São Francisco, de Claro Jansson, 1913.
Claro Jansson, Mudança de acampamento construção da Linha de São Francisco, 1913, negativo de vidro, estereoscópica 4x4,5cm.



As frases

- | | |
|--|---|
| A A região parece ter sido devastada, pois é possível ver o impacto do trabalho humano sobre a natureza. | G Ao fundo é possível identificar remanescentes da vegetação da região. |
| B Trata-se de uma fotografia feita por Claro Jansson, retratando um grupo formado por retirantes fugindo da seca no estado do Paraná. | H A região fotografada ainda não sofreu a intervenção do homem. |
| C Pode-se afirmar que as pessoas na imagem estão em mudança, pois é possível identificar trouxas de roupa, utensílios e até uma casa sobre o trem. | I A figura em primeiro plano chama a atenção por seu olhar sério/desesperançado/cansado. |
| D Não há registro de moradias no entorno do trem. | J Existe uma variação étnica entre os viajantes do trem. |
| E A fotografia foi feita no momento em que o trem atravessava um curso d'água. | K A despeito das condições dos viajantes o trem era movido por uma moderna locomotiva elétrica. |
| F É possível identificar homens, mulheres e crianças na imagem. | L Trata-se de uma fotografia tirada a partir do último vagão de um trem, em que as pessoas estão olhando em direção ao fotógrafo. |
| | M Há pessoas trabalhando no entorno da linha férrea. |

Questões

2ª Fase

Este documento não serve como prova.
A prova deve ser feita pela internet.

TRECHO 1 — FRASE ☐



TRECHO 2 — FRASE ☐



TRECHO 3 — FRASE ☐



TRECHO 4 — FRASE ☐



TRECHO 5 — FRASE ☐



TRECHO 6 — FRASE ☐



Questões

2ª Fase

Este documento não serve como prova.
A prova deve ser feita pela internet.

TRECHO 7 — FRASE ☐



TRECHO 8 — FRASE ☐



TRECHO 9 — FRASE ☐



Imagem 3

Capa do LP Tropicália ou Panis et Circenses, 1968
Capa do LP “Tropicália ou Panis et Circenses” de Caetano Veloso, Gilberto Gil, Gal Costa, Tom Zé, Torquato Neto, Mutantes e Rogério Duprat, 1968. Philips, R 765.040 L. Fotógrafo: Oliver Perroy.



As frases

- A O poeta Torquato Neto foi autor de letras de importantes canções tropicalistas, como “Geléia geral”, “Marginália II” e “Domingou” (em parceria com Gilberto Gil), “Mamãe coragem” (com Caetano Veloso).

B Gal Costa se tornou parceira de Gilberto Gil e Caetano Veloso na canção “Quando”, gravada no LP Doces Bárbaros, de 1976, cuja inspiração era Rita Lee.

C Rogério Duprat era um dos importantes poetas que participaram do movimento tropicalista.

D O grupo Mutantes, formado por Sérgio Dias Baptista, Rita Lee e Arnaldo Dias Baptista, teve seu nome sugerido por Ronnie Von.

E O penico na mão de Rogério Duprat representava a crítica da contracultura à sociedade consumista e capitalista, assim como às tradições normativas da sociedade burguesa.

F “Panis et circensis” era também o nome de uma das canções do LP, a terceira do lado A.

G A canção Tropicália de Caetano Veloso gravada neste LP era o manifesto do movimento Tropicalista.

H Nara Leão participou de vários movimentos da MPB nos anos de 1950 e 60, da Bossa Nova, passando pela música de protesto com o show Opinião e também pela Tropicália, neste LP.
- I O disco “Tropicália ou Panis et Circensis” foi o disco manifesto da chamada “Musica Universal”, proposta por Gilberto Gil e Caetano Veloso. Ao contrário das canções engajadas ou nacionalistas, esses compositores entendiam que “A arte, por princípio, não pode ter barreiras”.

J Rogério Duprat gravou, também em 1968, o LP A Banda Tropicalista do Duprat, com participação dos Mutantes.

K Torquato Neto morreu logo depois do lançamento deste disco, num acidente de carro na Rodovia Presidente Dutra.

L Tom Zé se afastou dos tropicalistas nos anos de 1970, tendo trabalhado muitos anos como jardineiro no prédio em que morava em São Paulo.

M Nara Leão e Luís Carlos Capinan aparecem em quadros como forma de crítica, por representarem movimentos musicais anteriores, que não aceitavam a introdução da guitarra na música brasileira, respectivamente Bossa Nova e Canção de Protesto do CPC (Centro de Cultura Popular).

N Gilberto Gil traça um vestido na foto, em alusão à sua porção mulher citada em “Super-Homem, a canção”, também gravada neste disco.

O “Tropicália”, que dá nome ao disco, era na verdade o nome de um projeto ambiental do arquiteto Hélio Otletica, do qual fazia parte os famosos Parangolés, dentro da exposição “Nova Objetividade Brasileira”, no MAM-RJ em 1967..

TRECHO 1 — FRASE ☐



TRECHO 3 — FRASE ☐



TRECHO 5 — FRASE ☐



TRECHO 2 — FRASE ☐



TRECHO 4 — FRASE ☐



TRECHO 6 — FRASE ☐



Questões

2ª Fase

Este documento não serve como prova.
A prova deve ser feita pela internet.

TRECHO 7 — FRASE ☐



TRECHO 9 — FRASE ☐



TRECHO 8 — FRASE ☐



TRECHO 10 — FRASE ☐



Documentos

2ª Fase

Este documento não serve como prova.
A prova deve ser feita pela internet.

Documentos da 2ª Fase

Feliz Ano Velho
Literatura
"Meu pai me ensinou a andar a cavalo.
Meu pai me ensinou a andar.
Me incentivou a ser moleque de rua.
Me ensinou a guiar avião (tinha um na firma dele e, depois de decolar, eu pegava no manche e ia mirando até São Paulo).
Mas meu pai não pôde me ensinar mais.

No dia 20 de janeiro de 1971 era feriado no Rio, por isso dormi até mais tarde. De manhã, quando todos se preparavam pra ir à praia (e eu dormindo), a casa foi invadida por seis militares à paisana, armados com metralhadoras. Enquanto minhas irmãs e as empregadas estavam sob mira, um deles, que parecia ser o chefe, deu uma ordem de prisão: meu pai deveria comparecer na Aeronáutica para prestar depoimento. Ordem escrita?

Nenhuma. Motivo? Só deus sabe.

Quando acordei e vi aqueles homens perguntei pra minha mãe o que era. Ela não respondeu e disse que papai tinha saído. Desci, tomei café e vi as armas na sala. Não entendi nada e fui jogar bola na praia. Quando voltei, estavam todos assustados.

— Onde você andou? — me perguntou um sujeito.

— Fui jogar bola.

— Mas não pode.

Não tinha sacado, mas éramos prisioneiros. O telefone fora do gancho, ninguém saía. O namorado da minha irmã chegou e foi preso, levado embora. Um amigo de dezesseis anos chegou e também foi levado.

Minha mãe chamou-me num quarto e me mandou entregar uma caixa de fósforos pra Helena, que mora perto, mas fazendo o possível pra não ser visto por ninguém. Fui pro banheiro da empregada, subi no telhado, pulei o muro da vizinha, corri pra rua e voei pra casa da Helena com a caixa apertada na mão. Chegando lá, hesitei em tocar a campainha. Abri a caixinha e vi um papelzinho dobrado:

O RUBENS FOI PRESO, NINGUÉM PODE
VIR AQUI, SENÃO É PRESO TAMBÉM.

Minhas pernas tremeram. Que kucura, preso, mas por quê? Toquei a campainha, entreguei o bilhete e voltei pra casa preocupado.

Tivemos que conviver o dia todo com os caras jogando baralho, botão, vendo novela. À noite, mudou o plantão. Jantar, cafezinhos e, com mais intimidade, minha mãe pediu pra guardarem as metralhadoras num canto da sala.

Minha mãe me acordou no dia seguinte e se despede de mim. Ela também tinha que ir, junto com a Eliana (minha irmã de quinze anos). Os caras saíram, trancaram a porta, colocaram minha mãe e irmã no banco traseiro de um fusca azul. E agora? Que fazer? Eu, Nalu (treze anos), Big (nove anos) e duas empregadas, trancados. Ligamos pra minha avó, que morava em Santos e esperamos seis horas até ela chegar, encolhidos num canto morrendo de medo.

À noite, a casa estava cheia e ficou decidido que eu deveria deixar o Rio. No dia seguinte, um cara que nunca tinha visto na vida me levou num sítio em Petrópolis. Não sabia de quem era o lugar, mas devia ser alguém bem rico, pois tinha piscina e até quadra de tênis. Fiquei aos cuidados de um casal simpático (irmão do Bocaluva) e do filho deles. Minha irmã ficou só um dia presa, mas meu pai e minha mãe...

Não tinha muito o que fazer. Tomar banho de piscina, tentar aprender a jogar tênis (não via a menor graça nesse esporte) e ficar dando tiro com espingardinha de chumbo. À noite, rezava pra que deus soltasse meus pais e ia dormir tranqüilo, pois sabia que nada de grave ia acontecer, afinal "cadeia é coisa pra bandido" (pelo menos deveria ser).

Dois semanas depois, toca o telefone. Minha mãe estava sozinha. Alívio. Meu pai ainda não. Voltei imediatamente pro Rio e encontrei minha mãe exausta, deitada na sua cama. Tava irrecognhecível, muito mais magra. Nos abraçamos e choramos. Tive o pior ataque de asma da minha vida. Ela tinha estado no quartel da Barão de Mesquita, Polícia do Exército, treze dias numa cela individual. Foi interrogada várias vezes, sempre com as mesmas perguntas: idéias políticas do meu pai e quem frequentava a nossa casa. Entre os interrogatórios, era obrigada a ver coleções de fotos e exijam que as reconhecesse. Mas ela só identificou a do meu pai e da família.

Naquela época, a censura da imprensa não estava tão rigorosa e todos os dias saíam artigos nos jornais:

ONDE ESTÁ RUBENS PAIVA?

O Governo dizia que ele não se encontrava preso.

MAS COMO NÃO ESTAVA PRESO, SE SUA
MULHER VIU A FOTOGRAFIA DELE
NO ÁLBUM DA PRISÃO?

A resposta era cínica e covarde:

A MULHER DE RUBENS PAIVA NUNCA
ESTEVE PRESA, NEM SUA FILHA.

Mas eles cometeram uma gafe. Meu pai, quando preso, foi guando o próprio carro, que ficou estacionado no quartel da Barão de Mesquita. Mais tarde, uma tia minha foi recolher o carro, e os caras deram um recibo com o timbre do Exército.

MAS SE RUBENS PAIVA NÃO ESTAVA PRESO,
O QUE SEU CARRO ESTAVA FAZENDO ALI?

Houve um silêncio. Com esse documento foram impetrados três pedidos de habeas-corpus, mas nada aconteceu. Minha mãe chegou a ir um dia à PE ver se conseguia alguma notícia. Ficou de pé horas, esperando fora do portão, até que um policial comovido disse: "Não adianta, Dona Eunice. Os homens não vão devolver o que a senhora quer. Não adianta ficar aqui". No Congresso Nacional havia debates agitados. De um lado, Pedro Horta; do outro, o líder da maioria Eurico Resende.

No dia 20 de fevereiro, o Ministro da Justiça Alfredo Buzaid disse pra minha mãe que meu pai tinha sofrido "alguns arranhões", mas que voltaria em breve para casa. As reuniões do Conselho de Defesa dos Direitos da Pessoa Humana passaram a ser secretas, depois do caso. Mesmo sob censura, a imprensa pegava no pé. Finalmente, no dia 24 de fevereiro, sai no Diário Oficial da União o que até hoje é a versão do Exército:

"SEGUNDO INFORMAÇÕES DE QUE DISPÕE ESTE COMANDO, O CITADO PACIENTE, QUANDO ERA CONDUZIDO PARA SER INQUIRIDO SOBRE FATOS QUE DENUNCIAM ATIVIDADE SUBVERSIVA, TEVE SEU VEÍCULO INTERCEPTADO POR ELEMENTOS DESCONHECIDOS, POSSIVELMENTE TERRORISTAS, EMPREENDENDO FUGA PARA LOCAL IGNORADO..."

Em outras palavras, ele tinha fugido. Foi a versão mais idiota que já inventaram, mas o que fazer? Logo depois veio a censura da imprensa sobre o caso, foi julgado um habeas-corpus numa sessão secreta do Superior Tribunal Militar (obviamente negado), sessão essa a que minha mãe esteve presente, sozinha (só com a ajuda do Tio Rafael). Não havia provas. O jeito foi esperar.

Continuamos morando no Rio e começaram a chegar as informações mais terríveis: ele tinha sido torturado e morrerá. "Mas como? Não existe tortura no Brasil..."

Doce ilusão, estava-se torturando gente como nunca e havia-se criado uma tática mais eficiente: mata-se o inimigo, depois some-se com o corpo.

Inimigo. Mas o que fez Rubens Paiva? Em 1978, o Jornal do Brasil lançou um caderno especial intitulado Quem matou Rubens Paiva? , onde dois repórteres, Fritz Utzeri e Heraldo Dias, faziam um completo levantamento do caso, sete anos depois.

O motivo da prisão parece ter sido uma carta enviada por alguns amigos exilados no Chile. Uma amiga da família, Cecília Viveiros de Castro, depois de visitar o filho no Chile, foi detida no aeroporto, onde os agentes de segurança descobriram as cartas. Daí ela foi levada para a 3ª Zona Aérea (para onde, no dia seguinte, levaram meu pai), comandada pelo Brigadeiro João Paulo Burnier.

Segundo versão de Dona Cecília, ela, outra mulher e meu pai permaneceram de pé muito tempo, com os braços pra cima, num recinto fechado. Com a longa duração do castigo, Dona Cecília fraquejou, sendo amparada por meu pai, que estava ao lado dela. A atitude dele irritou o chefe do interrogatório, descrito como "um oficial loiro, de olhos azuis", que

Documentos

2ª Fase

Este documento não serve como prova.
A prova deve ser feita pela internet.

Revista Ilustrada, fevereiro de 1893
Gravura



Transcrição

Cabeça de porco

Era de ferro a cabeça.

De tal poder infinito

Que, - se bem nos pareça,

Devia ser de granito.

No seu bojo secular

De forças devastadoras,

Viviam sempre a bailar

Punhos e metralhadoras.

Por isso viveo tranqüillo

Dos poderes temerosos,

Como um louco cão de fila

Humilhando poderosos.

Mas eis que um dia a barata,

Deo-lhe na telha almoça-a,

E assim foi, -sem patarata,

Roendo, até devorai-a.

Patarata: mentira pretensiosa; ostentação vã.

AULETE, Caldas. Dicionário contemporâneo da língua portuguesa. Lisboa [Portugal]: Parceria Antonio Maria Pereira, 1925, Disponível em: <http://www.auletedigital.com.br/>

Sobre este documento

Título
Revista Ilustrada, fevereiro de 1893
Tipo de documento
Gravura
Palavras-chave
História das Cidades Século XIX Rio de Janeiro Reforma Urbana
Origem
Angelo Agostini, Revista Ilustrada, Rio de Janeiro, anno 18, n° 656, fevereiro de 1893, capa.
Créditos
Angelo Agostini

Documentos

2ª Fase

Este documento não serve como prova.
A prova deve ser feita pela internet.

Memórias de um colono no Brasil
Trecho de livro

"Apenas chegados ao pórt de Santos, depois de uma viagem marítima, favorável ou não, mas em todo o caso fatigante e arriscada, os colonos já são, de certo modo, uma propriedade da firma Vergueiro. Esta (...) deverá pagar às respectivas municipalidades a soma proveniente da metade do produto da safra de café plantadas pelos colonos (...) de modo tal a tornar-se imediatamente devedora das mencionadas municipalidades mas ao mesmo tempo credora dos colonos. Se a firma Vergueiro paga às municipalidades as prestações convencionadas não se tire disso a conclusão fácil de que os colonos se acham em excelentes condições e pagam, por sua vez, as dívidas que contraíram. É possível que na Europa se amortizem dívidas de colonos; no Brasil éles acabaram devendo ainda mais do que no momento de assumirem o compromisso.

Os colonos que emigram, recebendo dinheiro adiantado tornam-se, pois, desde o começo, uma simples propriedade de Vergueiro & Cia. Em virtude do espírito de ganância, para não dizer mais, (...) só lhes resta conformarem-se com a ideia de que são tratados como simples mercadorias, ou como escravos.

(...)

Outras novidades os colonos aprenderão mais tarde quando, após o desembarque, se virem trancados em um pátio enorme, cercado, de um lado pelo pórt, de outro por muros e casas (...) guardadas por sentinelas armadas, onde vários senhores, entre éles o Sr. Vergueiro, discutem em português-língua desconhecida para os imigrantes. E depois de paga ou bem garantida a dívida dos colonos (...) ouvem éles em bom alemão: - Agora o senhor irá com o sr. X (a pessoa que comprou o colono à firma Vergueiro) para sua colônia Z!.

(...)

O pátio que (...) serviu de albergue noturno (...), embora ofereça pouco agasalho contra o vento e, pelo aspecto das paredes e outros pormenores, lemb[r]a muito uma prisão brasileira. No pátio era costume outrora, ao que consta, encerrarem-se e venderem-se os escravos negros logo após sua chegada". p. 38-9

Sobre este documento

Título
Memórias de um colono no Brasil
Tipo de documento
Trecho de livro
Palavras-chave
Século XIX São Paulo Memória Escravidão Imigração
Origem
Thomas Davatz. Memórias de um colono no Brasil. São Paulo: EdUSP, 1972 [1858]. p. 1-40.
Créditos
Thomas Davatz.

Documentos

2ª Fase

Este documento não serve como prova.
A prova deve ser feita pela internet.

Tratado Descritivo do Brasil

Trecho de livro

* Capítulo XX

Que trata da grandeza do Rio de S. Francisco e seu nascimento

(...)

Está o Rio de S. Francisco em altura de dez graus e um quarto, que tem na boca da barra 02 léguas de largura, por onde entra a maré salgada para cima 02 léguas somente, e dali para cima é água doce, que a maré faz recuar outras 02 léguas (...). O gentio chama a esse rio "o Pará", o qual é muito nomeado entre todas as nações, das quais foi sempre muito povoado, e tiveram umas com outras [nações] sobre os sítios grandes guerras, por ser a terra muito fértil pelas suas ribeiras, e por acharem nelas grandes pescarias.

Ao longo deste rio vivem agora alguns Caetés, de uma banda, e, da outra, vivem Tupinambás; mais acima vivem os Tapuias de diferentes castas, Tupinaês, Amoipiras, Ubirájaras e Amazonas; e além delas, vive outro gentio (não tratando dos que se comunicam com os portugueses), que se atavia com jóias de ouro (...) Este gentio se afirma viver à vista da Alagoas Grande, tão afamada e desejada de descobrir, da qual este rio nasce. (...)

(...) Navega-se este rio com caravelões até a cachoeira, que dista da barra 20 léguas, pouco mais ou menos, até onde tem muitas ilhas, que o fazem esprair muito mais que na barra, por onde entram navios de cinquenta toneis pelo canal do sudoeste, que é mais fundo que o do nordeste. Da barra deste rio até à primeira cachoeira há mais de 300 ilhas; no inverno não traz este rio água do monte, como os outros, nem corre muito; e no verão cresce de dez até quinze palmos. E começa a vir esta água do monte, de Outubro por diante até Janeiro, que é a força do verão nestas partes; e neste tempo se alagam a maior parte destas ilhas, pelo que não criam nenhum arvoredo nem mais que canas bravas de que se fazem flechas.

Por cima desta cachoeira, que é de pedra viva, também se pode navegar este rio em barcos (...) até o sumidouro, que pode estar da cachoeira 80 ou 90 léguas, por onde também tem muitas ilhas. Este sumidouro se estende no lugar, onde este rio sai de debaixo da terra, por onde vem escondido 10 ou 12 léguas, no cabo das quais arrebenta até onde se pode navegar, e faz seu caminho até o mar. Por cima deste sumidouro está a terra cheia de mato, sem se sentir que vai o rio por baixo, e deste sumidouro para cima se pode também navegar em barcos (...): os índios se servem por ele em canoas feitas para isso. Está apto este rio para, perto da barra, abrigar de uma banda uma povoação valente; e de outra banda, para segurança dos navios da costa, podem os moradores, que nele vivem, fazer grandes fazendas e engenhos até a cachoeira, em derredor da qual há muito pau-brasil, que com pouco trabalho se pode carregar.

(...) trabalhou-se muito para se descobrir este rio, por todo o gentio que nele viveu, e por ele andou-se a afirmar que pelo seu sertão havia serras de ouro e prata; à conta da qual informação se fizeram muitas entradas de todas as capitanias sem poder ninguém chegar ao cabo; com este desengano e sobre esta pretensão, veio por duas vezes Duarte Coelho a Portugal, a partir da sua capitania de Pernambuco, trazendo da segunda vez um desenho do rio, mas desconcertou-se com S. A. por não receber as honras que pedia. E sendo governador deste Estado Luiz de Brito de Almeida mandou entrar por este rio acima a um Bastião Alvares, que se dizia do Porto Seguro, o qual trabalhou por descobrir quanto pode, no que gastou quatro anos e um grande pedaço da Fazenda d'El-Rei, sem poder chegar ao sumidouro, e por derradeiro veio acabar com quinze ou vinte homens entre o gentio Tupinambá, em cujas mãos foram mortos; o que lhe aconteceu por não ter cabedal de gente para se fazer temer, e por querer fazer esta jornada contra água; o que não aconteceu a João Coelho de Sousa, porque chegou acima do sumidouro mais de 100 léguas, como se verá do roteiro que se fez da sua jornada. (...)."

Barra: entrada de baía; embocadura.

Caravelões: antiga embarcação, mais grosseira que a caravela.

Tonet: vasilha própria para líquidos, igual a duas pipas e correspondente a 840 litros.

Atavia: ornar, adornar; aformosear, enfeitar.

S. A.: Sua Alteza = título honorífico, tratamento dado antigamente aos reis de Portugal e também aos príncipes e infantes de Portugal e Brasil: Sua Alteza Real. Sua Alteza Imperial.

Sobre este documento

Título

Tratado Descritivo do Brasil

Tipo de documento

Trecho de livro

Palavras-chave

Século XVI Rio São Francisco Exploração do Território Colonização

Origem

Gabriel Soares de Souza. Tratado descritivo do Brasil em 1587. Rio de Janeiro: Typografia de João Ignácio da Silva, 1879, pp. 29-32. Disponível em:

<http://www.brasilliana.usp.br/node/495>

Créditos

Gabriel Soares de Souza.

Documentos

2ª Fase

Este documento não serve como prova.
A prova deve ser feita pela internet.

Aspectos históricos da divulgação científica no Brasil

Texto Acadêmico

"No Brasil dos séculos XVI, XVII e XVIII (...) atividades científicas ou mesmo de difusão das idéias modernas eram praticamente inexistentes. O país tinha uma baixíssima densidade de população letrada, era mantido sob rígido controle e o ensino, quase unicamente elementar, esteve nas mãos únicas dos jesuítas até meados do século XVIII. Mesmo no século XVIII, com a inexistência de imprensa, a proibição de publicação de livros na Colônia e o sistema de ensino deficiente, os poucos indivíduos dos setores sociais dominantes que tiveram acesso aos novos conhecimentos científicos, que estavam sendo gestados na Europa, conseguiram isto geralmente por meio de algum tipo de formação adquirida no exterior. As raras ações do governo português no Brasil, ligadas à ciência, estavam quase sempre restritas a respostas às necessidades técnicas ou militares de interesse imediato: na astronomia, cartografia, geografia, mineração ou na identificação e uso de produtos naturais. (...).

No final do século XVIII e início do século XIX, muitos dos brasileiros que haviam ido para Portugal, França, Bélgica e Escócia frequentar cursos superiores começaram a retornar ao país e contribuíram para uma difusão lenta das novas concepções científicas.

[Com] a chegada da Corte portuguesa no país, abriram-se os portos e a proibição de imprimir foi suspensa. Pouco depois, surgiram as primeiras instituições de ensino superior ou com algum interesse ligado à ciência e às técnicas como a Academia Real Militar (1810) e o Museu Nacional (1818). Com a criação da Imprensa Régia, em 1810, textos e manuais voltados para a educação científica, embora em número reduzido, começaram a ser publicados ou, pelo menos, difundidos no país. Vários deles eram manuais para o ensino das primeiras academias de engenharia e medicina, em geral traduzidos de autores franceses. Nesse período, os primeiros jornais como A Gazeta do Rio de Janeiro, O Patriota e o Correio Braziliense (editado na Inglaterra) publicaram artigos e notícias relacionados à ciência. Em O Patriota, que duraria apenas dois anos, entre 1813 e 1814, vieram à luz vários artigos de cunho científico ou divulgativo (...). O número de periódicos gerais cresce lentamente, com alguns poucos, tais como Miscelanea scientifica (1835), Nictheroy (1836) e Minerva brasiliense (1843), publicando também artigos relacionados à ciência."

Sobre este documento

Título

Aspectos históricos da divulgação científica no Brasil

Tipo de documento

Texto Acadêmico

Palavras-chave

Brasil História da Ciência Séculos XVI-XIX

Origem

Ideu de Castro Moreira e Luisa Massarani. Aspectos históricos da divulgação científica no Brasil. In: Ideu de Castro Moreira, Luisa Massarani e Fatima Brito (orgs.). Ciência e

Público. Caminhos da divulgação científica do Brasil. Casa da Ciência/UFRJ:2002, p.44.

Créditos

Ideu de Castro Moreira e Luisa Massarani.

Documentos

2ª Fase

Este documento não serve como prova.
A prova deve ser feita pela internet.

A primeira escola

Documentos da 2ª Fase

Artigo de revista

"[...] em 1875, um jardim de infância causou uma verdadeira reviravolta na educação brasileira, como reconheceu um artigo no jornal Cruzeiro quatro anos depois. O texto mencionava 'um chalé expressamente construído e mobiliado para o Jardim de Crianças', que vinha sendo bastante prestigiado pelo imperador e por diversas autoridades. [...] Criado [...] pelo médico e educador Joaquim José de Menezes Vieira (1848-1897) e sua esposa, Carlota, o Colégio Menezes Vieira (1875-1887) funcionava no Centro do Rio de Janeiro, na Rua dos Invalidos, 26. Oferecendo os ensinos primário, secundário e profissional em três sistemas – interno, semi-interno e externo –, a escola foi o primeiro jardim de infância do Brasil.

Menezes Vieira se inspirou na iniciativa do pedagogo Friedrich Froebel (1782-1852), que havia fundado o primeiro kindergarten (jardim de infância) na Alemanha em 1837. Até então, nenhum projeto como esse havia empecado no Brasil. Tanto foi o sucesso da empreitada, que outros educadores começaram a tocar projetos semelhantes na capital do Império a partir da década de 1880 [...]

A ideia de educação infantil ainda não estava suficientemente incorporada ao debate pedagógico no século XIX: era como se a sua existência ameaçasse o papel da família ou a própria função da escola primária. E mesmo a iniciativa e a defesa intransigente dos jardins de infância feita por Menezes Vieira e muitos outros não bastaram para a sua implementação em larga escala no Brasil daquela época. Defendidos e atacados, eles permaneceram por longo tempo restritos a um número de alunos privilegiados.

O jardim de infância do Colégio Menezes Vieira só admitia meninos e funcionava em um prédio cuja forma era a de um pavilhão hexagonal. Construído no centro de um jardim, ele tinha um vestíbulo, uma secretaria, um vestiário, salas de trabalho, um pátio coberto para os exercícios físicos, um refeitório e dormitórios, além de latrinas para os alunos e para as professoras. Em suas dependências, crianças de três a seis anos eram introduzidas à ginástica, à pintura, à jardinagem, ao desenho, aos exercícios de linguagem e de cálculo, e à escrita, à leitura, à História, à Geografia e à religião.

Uma parte do terreno do colégio era dividida em canteiros para os exercícios de 'jardincultura', que eram realizados pelos alunos mais velhos, sob a orientação das professoras. Nas salas de aula, que acomodavam até trinta alunos, havia pequenos bancos e mesas com cantos arredondados, que permitiam que 'a professora entretivesse com os educandos como uma boa e carinhosa mãe entre os filhos', como consta no Manual para os Jardins de Infância, de Menezes Vieira (1882). As salas eram decoradas com os trabalhos dos alunos e com quadros que exibiam frases de Froebel, como 'A vida da criança deve ser uma festa perpétua' e 'Oh! O Jardim há de dar o que os cárceres não deram'.

Dona Carlota seguia princípios como esses e também os ensinamentos do pastor Friederich Oberlin (1740-1826), o primeiro a abrir, em 1770, uma sala de asilo em uma aldeia da Alsácia, França, para cuidar das crianças pequenas enquanto os pais trabalhavam. Posteriormente, muitas outras professoras tiveram a mesma orientação. Desde então, a atuação da 'jardineira' está vinculada à de educadora, que era vista como uma extensão da ação materna. Sobre o tema, inclusive, a Gazeta de Notícias publicou em 10 de dezembro de 1879: 'A professora de um jardim de crianças faz, nada mais, nada menos, do que o papel de uma mãe zelosa do futuro de seu filho'. Essa filosofia seguia uma tendência da época: a de redimensionar o papel da mulher, que estava deixando de ser restrinir à esfera familiar (privada) e se estendendo para a esfera escolar (pública). Isso criou algumas expectativas a respeito das características dessa profissional, que deve ser meiga, carinhosa e abnegada. Ainda hoje, essas características permanecem formando um 'modelo', pois se fala em 'maternagem'.

Menezes Vieira conhecia profundamente o que havia de mais avançado na literatura pedagógica daquele final do século XIX. No seu jardim de crianças, ele se valia de algumas novidades com as quais entrava em contato toda vez que viajava pela Europa. Uma das que mais influenciaram seu trabalho foi a metodologia propagada pelo educador suíço Johann Heinrich Pestalozzi (1746-1827), que vinha fazendo experiências pioneiras no Internato de Yvedon, na Suíça. O canto, a ginástica, os jogos e as brincadeiras também representaram um material valioso para o educador.

Além dessas práticas, Menezes recomendava que as professoras se valessem de 'conversas morais e instrutivas, (...) exercícios manuais de construção, de modelação, de recorte, de picado, de traçado, de desenho'. Para ele, tais atividades acostumavam a criança 'a ver e ouvir bem, adquirir noções corretas, interessando-a ao mesmo tempo pelos objetos circunvizinhos, desenvolvendo-lhe as faculdades inventivas, a necessidade do método, (e) o gosto pelo trabalho'.

O jogo, de acordo com sua visão, era a linguagem do brincar e o modo mais pleno de expressão da identidade infantil, o que contrariava a rigidez e o imobilismo característicos do modelo escolar vigente.

Assim como aconteceu com outras novidades introduzidas no ensino brasileiro daquele tempo, Menezes Vieira também foi um entusiasta do método intuitivo, que preconizava o desenvolvimento da percepção das crianças. Segundo ele, os educadores não deveriam se ater apenas ao que era concreto, mas também ajudar os alunos a desvendar todo um universo abstrato. O 'Jardim de Crianças' seria então o primeiro estágio do método, e tinha como objetivos 'o desenvolvimento integral, harmônico, da parte física, moral e intelectual do educando, para que aproveite a instrução primária. Não é uma escola na acepção vulgar do termo, é a transição suave e racional da família para a escola. Não ensina especialmente a ler, escrever e contar; prepara as crianças para que mais rápida e utilmente possam aprender'. Em dezembro de 1880, a Revista Ilustrada trouxe um artigo sobre as vantagens do método – que também era usado no curso primário – e enaltecia as virtudes do Menezes Vieira: 'Não se bate ali, ensina-se à criança; não há castigo, há promessa, o carinho em vez do bôlo, um jardim em lugar da escola. E quanto progresso: quanta alegria'.

Bolo: pancada com a palmatória na palma da mão.

AULETE, Caldas. Dicionario contemporaneo da lingua portuguesa. Lisboa [Portugal]: Parceria Antonio Maria Pereira, 1925. Disponível em: <http://www.auletedigital.com.br/>

Sobre este documento

Título

A primeira escola

Tipo de documento

Artigo de revista

Palavras-chave

Século XIX Rio de Janeiro História da Educação

Origem

Maria Helena Camara Barros. "A primeira escola". Revista de História da Biblioteca Nacional, 02/05/2011. Disponível em: <http://www.revistadehistoria.com.br/secao/educacao/a-primeira-escola>

Créditos

Maria Helena Camara Barros.

Documentos

2ª Fase

Este documento não serve como prova.
A prova deve ser feita pela internet.

O último Bragança e o primeiro Silva

Crônica

O ÚLTIMO BRAGANÇA E O PRIMEIRO SILVA

O governo Éte Agá acabou com a Era Vargas, na sua própria avaliação. Se a Era Vargas já foi tarde ou se jogaram fora uma ideia aproveitável de soberania junto com ela, é assunto para 17 textos maiores do que este. Mas se Lula vencer as próximas eleições, o governo Éte Agá também pode passar à História como o fim – pelo menos até ela ser restaurada, numa eleição futura – de outra era, muito maior do que a Era Vargas, já que tem a idade do Brasil: a Era Bragança.

Desde que a nossa independência do reinado de Portugal foi declarada pelo filho do rei de Portugal, que depois se declarou imperador na nação rebelde, vivemos essa era inédita no mundo, em que tudo num país, inclusive as suas revoluções, é feito por uma classe só.

A Era Bragança atravessou quase dois séculos de História com tanta persistência que sobreviveu até ao fim da dinastia que lhe deu o nome. Todos os presidentes da República brasileira foram herdeiros políticos dos Bragança, protótipos da grande espreteza brasileira de simular uma História para não ter que fazê-la. E é poeticamente justo, ou pelo menos simétrico, que a fase republicana da Era Bragança acabe como acabou a fase monárquica: com um bom homem no poder, um filósofo moderno e um cidadão do mundo, um Pedro II sem, esperemos, o exílio.

Éte Agá era o melhor que a nossa oligarquia esclarecida podia produzir, sem ironia. Seu fracasso significa o esgotamento entre nós do ideal ciceroniano da casta iluminada, capaz de fazer o necessário para a maioria em vez do conveniente para poucos.

Nem Vargas nem qualquer outro pseudo ou pretenso populista na Presidência escapou do molde da era, ou teve tempo para tentar escapar. Todos eram da linhagem, mesmo que não quisessem. Ou soubessem.

Uma improvável vitória do Lula não significará, claro, a tomada do poder pela 'classe perigosa', para finalmente se apossar da sua própria história.

Ele também dependerá de uma casta intelectual a seu lado e da boa vontade do patriciado, sem falar no Congresso e no 'mercado', para poder governar. Mas será o primeiro presidente da nossa história a não ter 'Bragança' implícito no nome. O primeiro Silva autêntico. Não é nada, não é nada, já é um pé na porta."

Ciceroniano: que remete ao político e pensador romano Cícero [106 a.C – 43 a.C]

AULETE, Caldas. Dicionario contemporaneo da lingua portuguesa. Lisboa [Portugal]: Parceria Antonio Maria Pereira, 1925. Disponível em: <http://www.auletedigital.com.br/>

Sobre este documento

Título

O último Bragança e o primeiro Silva

Tipo de documento

Crônica

Palavras-chave

Século XXI Brasil História Política Eleições

Origem

Luis Fernando Veríssimo, 30 janeiro 2002, jornal O Estado de S. Paulo.

Créditos

Luis Fernando Veríssimo.

Este documento não serve como prova.
A prova deve ser feita pela internet.

Tropa diferente

Artigo de revista

"(...) * viajante inglês Henry Koster, que chegou ao Recife no início do século XIX (...) imediatamente se impressionou com a boa aparência dos Henriques, uma milícia negra que, segundo o cronista, era o mais organizado e garboso de todos os corpos militares de Pernambuco. Um grupo que, além disso, contava entre suas fileiras com homens agraciados com títulos nobilitantes, como o Hábito da Ordem de Cristo e o da Ordem de Santiago (...)

Os Henriques eram assim chamados por causa de seu fundador, Henrique Dias (?-1662), homem preto, livre no período da guerra, e sobre quem pouquíssimo se sabe, nem mesmo sua data de nascimento. Assim como outras milícias, seu grupo era formado por homens livres que não atuavam como militares profissionais, não recebiam soldo e tinham que bancar sua farda e suas armas. Por essa razão, todos eles precisavam ter outra profissão. Mas a honra de se destacar pela boa reputação, diante de um desprestigiado e empobrecido exército português, era o bastante para qualquer tropa miliciano, em geral organizada separadamente em tropas brancas, pardas e pretas. E era ainda mais importante no caso dos Henriques.

Esse terço – denominação seiscentista para as tropas de origem ibérica de qualquer tipo – foi criado de acordo com a tradição militar do século XVI, que usava colonos para formar tropas. Foi assim que Dias arregimentou voluntariamente, em 1633, uma unidade formada por negros que se puseram a serviço daqueles que lutavam contra a ocupação holandesa. Mais tarde, em 1639, ele recebeu a patente de “governador de crioulos, negros e mulatos”, enquanto sua tropa não parava de crescer. Em 1647 ele contava com 300 soldados, entre escravos – muitos deles doados por senhores de engenho – e forros.

(...)

O fundador do terço, Henrique Dias, chegou a receber o Hábito da Ordem de Cristo, um título que equivalia ao de fidalgo, muito cobiçado pelos senhores de engenho, que raramente conseguiam obtê-lo. Mesmo assim, a trajetória de Dias espelha as muitas contradições associadas aos Henriques: ele pode ter morrido Cavaleiro da Ordem de Cristo, mas não parou de pleitear as recompensas financeiras constantemente atrasadas que a Coroa lhe prometera.

Apesar disso, era tanto o prestígio dos milicianos que um dos genros de Dias, Amaro Carding, tentou conquistar a mesma Ordem de Cristo. Ele era um homem livre de segunda geração, ou seja, filho de forros. Jamais servira como escravo e se casara com a filha do negro mais importante da Colônia. Mas nunca conseguiu o hábito, pois a Coroa – cujas regras determinavam que todos os nobres deveriam estar livres de “máculas” de ascendência judaica, moura, negra ou índia até a quarta geração para que pudessem obter a comenda – comprovou que seus avós haviam sido escravos.

Investigar o passado das pessoas que pleiteavam títulos de fidalguia era prática comum no Império português (...) No entanto, a Coroa sabia ser flexível e conceder hábitos das ordens para pessoas com comprovadas “máculas”, mas suficientemente influentes nas colônias. (...)”

Nobilitante: que confere nobreza, enobrece;

AULETE, Caldas. Dicionário contemporâneo da língua portuguesa. Lisboa [Portugal]: Parceria Antonio Maria Pereira, 1925, Disponível em: <http://www.aulete digital.com.br/>

Sobre este documento

Título

Tropa diferente

Tipo de documento

Artigo de revista

Palavras-chave

Brasil Holandês Pernambuco Séculos XVII-XIX História Militar

Origem

Kalina Vanderlei Silva. "Tropa diferente". Revista de História Biblioteca Nacional. Rio de Janeiro: 2/3/2011. Disponível em: <http://www.revistadehistoria.com.br/secao/artigos-revista/tropa-diferente>

Créditos

Kalina Vanderlei Silva.

Documentos da 2ª Fase

Este documento não serve como prova.
A prova deve ser feita pela internet.

Partida da Monção, 1897

Pintura

Documentos da 2ª Fase

Imagem no tamanho original



Técnica: Óleo sobre tela

Dimensões: 3,90 x 6,40 m

Sobre este documento

Título

Partida da Monção, 1897

Tipo de documento

Pintura

Palavras-chave

Século XIX São Paulo Monções

Origem

A Partida da Monção (1897) José Ferraz de Almeida Júnior, Óleo sobre tela- 3,90 x 6,40 m Acervo do Museu Paulista da USP. Disponível em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Almeida_J%C3%BAnior_-_Estudo_da_Partida_da_Mon%C3%A7%C3%A3o,1897\(Bandeirantes\).jpg](http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Almeida_J%C3%BAnior_-_Estudo_da_Partida_da_Mon%C3%A7%C3%A3o,1897(Bandeirantes).jpg)

Créditos

José Ferraz de Almeida Júnior

Conteúdos relacionados

Questão 35 2ª ONHB

Veja outras obras do pintor